

Intervenções de
Mar Zabaleta Estévez e Carlos Dantas Giestal
na conferência “Vinte e três anos de Arqueologia em Braga”



Breve síntese sobre o estudo das moedas de *Bracara Augusta* – as moedas das termas do Alto da Cidade¹

Mar Zabaleta Estévez

“As moedas constituem um testemunho fundamental para o estudo da nossa história política e económica. Um dos atributos mais importantes da moeda reside no seu carácter de “fóssil director”. De facto, ela data os estratos onde se integra, permitindo assim, estabelecer os momentos de fundação, ocupação, destruição ou abandono dos respectivos assentamentos arqueológicos. É necessário, contudo, usar de muito cuidado na interpretação das moedas pois o importante, em cada contexto, é a provável data da deposição, ou extravio da numisma, e não a data da sua cunhagem. Aquilo que esta nos proporciona é sempre uma cronologia *post quem*, uma data a partir da qual se perdeu ou ocultou essa peça.

A análise das moedas deve basear-se em critérios básicos e unificados, já que não é o mesmo, e não tem idêntico valor, um achado individual, um conjunto de numismas, ou um tesouro. Deve diferenciar-se entre moedas que foram depositadas intencionalmente, como no caso dos tesouros ou das oferendas, das que foram perdidas acidentalmente e que nos garantem uma visão mais fiável da moeda utilizada na vida quotidiana.

Como fontes de informação contamos, pois, com os tesouros de moedas encontradas *in situ*, com as peças provenientes de escavações arqueológicas e, ainda, com os achados esporádicos.

Conhecem-se em Braga quatro tesouros dos quais destacamos aquele que foi encontrado na *insula* das Carvalheiras. Este é constituído por 44 982 moedas, todas do séc. IV, especialmente da segunda metade, com predomínio das peças do tipo propagandístico características desta época.

Estes tesouros constituem depósitos selados, pelo que a moeda mais moderna neles encontrada permite determinar o *terminus ante quem* dos respectivos depósitos.

Os achados provenientes das escavações arqueológicas constituem a melhor via para observar as mudanças, o carácter e a densidade de circulação monetária de um período relativamente a outro. Estes achados em trabalhos arqueológicos são abundantíssimos e encontram-se repartidos por toda a cidade. Neste contexto há que ter em conta que as peças de menor valor e tamanho, quer dizer, as mais utilizadas nas transacções diárias, pela maioria da população, foram aquelas que se perderam com maior frequência. Se é certo que estes achados dispersos são os mais representativos das emissões que estavam em circulação, inclusive em zonas urbanas como aquela que nos propomos estudar, não surpreende a abundância de tais perdas, pois elas representam evidências da intensa actividade comercial própria de centros urbanos como é o caso de *Bracara Augusta*.

As escavações realizadas em Braga puseram a descoberto vastas áreas da cidade romana de *Bracara Augusta* de onde provieram diversos materiais, dentre os quais as numismas cujo estudo nos propomos realizar.

Como exemplo da informação que podemos obter deste material e dos objectivos que pretendemos atingir com o seu estudo, apresentamos hoje o resultado da análise das moedas encontradas nas Termas do Alto da Cividade.

A catalogação destas moedas deu o seguinte resultado: das 315 moedas recolhidas, 39 pertencem ao séc. I a. C. e ao séc. I d. C.; 10 ao séc. II; 89 ao séc. III; e 152 ao séc. IV. Existem ainda 32 peças que não foi possível classificar devido ao seu mau estado.

As peças mais antigas que aparecem são *caetrae*. Estas moedas estão vinculadas às campanhas militares levadas a cabo por Augusto e todos os autores parecem concordar que a sua emissão teve lugar entre 27 e 23 a. C. A emissão destas peças está relacionada com o pagamento às numerosas tropas de ocupação que exigiam um abundante caudal monetário, o chamado *stipendium monetarium*. O problema posto por tal procura solucionou-se,

inicialmente, com estas emissões, cuja tipologia tem uma função propagandística: representam a vitória de Augusto sobre os povos indígenas e mostram no reverso as armas capturadas aos indígenas: o escudo galaico.

Esta emissão foi complementada, posteriormente, com cunhagens hispânicas, especialmente do Vale do Ebro, as quais alcançaram a sua maior difusão nos reinados de Augusto e Tibério. De facto, é de admitir que a circulação destas moedas hispano-romanas esteja relacionada com um comércio interior e o pagamento a militares.

Com excepção de 1 moeda proveniente de *Emerita*, apareceram nesta escavação 12 peças cunhadas em *Bilbilis*, *Calagurris*, *Turiaso* e *Cascatum*. Estas numismas revelam uma clara relação do NO com as distintas áreas do Vale do Ebro, favorecidas pela inclusão daquele território na província *Tarraconensis*, no tempo de Augusto.

Um dado importante que nos proporciona este numerário do séc. I é que todas as moedas, sejam elas *caetrae*, provenientes de oficinas hispanas, moedas partidas ou imitações locais da moeda oficial de Cláudio I, indiciam sempre e, sem sombra de dúvida, a presença de núcleos militares, *castella* ou *castra*. Nesta circunstância e embora o número de peças encontradas nas Termas seja escasso elas não podem deixar de ser levadas em conta numa cuidadosa análise do estudo global da história da cidade de *Bracara Augusta*.

Os fluxos monetários, com predomínio dos produtos cunhados em Roma, crescem com os Flávios, ainda que timidamente, para aumentarem com Trajano e Adriano.

O acréscimo do fluxo monetário do séc. III, representa um dos momentos mais complexos e interessantes para a história da moeda romana porque neste período se produz a mudança do sistema monetário Alto Imperial para o Baixo-Imperial, através da criação de uma nova categoria métrica, o Antoniniano, que vem substituir o Denário.

Esta peça, que nasce como múltiplo do Denário, pouco a pouco converter-se-á na única categoria em circulação. O numerário mais abundante nesta

época corresponde a Galieno e Cláudio II, sobretudo do tipo *Divo Claudio*, a partir de 270.

Assistiu-se, então, a um grande número de emissões, de valor muito pequeno, cujos excedentes continuaram a circular até finais do séc. IV. Das 89 peças que aparecem a maioria procede, fundamentalmente, de oficinas ocidentais, a saber: de *Roma*, do Norte de Itália (sobretudo *Mediolanum*) e das Gálias (*Trevisis, Adelatum, Lugdunum*).

Com a reforma de Diocleciano, no ano de 294, emitem-se novas moedas de bronze e criam-se novas moedas imperiais.

A partir deste momento podem destacar-se três fases. De 300 a 330 em que o número de moedas é menor, de melhor qualidade e cujo módulo e peso são maiores. De 330 a 360 em que o numerário é muito abundante e se caracteriza sobretudo por emissões constantinianas do tipo de propaganda política como *GLORIA EXERCITUS, URBS ROMA, CONSTANTINOPOLIS*. De 360 até ao final do século e inícios do seguinte assiste-se a um novo declínio na emissão de moeda. Os tipos mais abundantes estão ainda representados pelas moedas com propaganda política, como *FEL(IX) TEMP. REPARATIO*. Estas peças continuam em circulação até finais do século IV e princípios do século V, constituindo o grosso dos tesouros que se ocultam, na sua maior parte, em consequência do ambiente de conflito originado pelas invasões germânicas. Pode perceber-se, então, uma mudança de oficinas emissoras abundando sobretudo as orientais como *Sificus, Nicomedia, Eracleia, Antioquia, Constantinopla*, o que parece indicar um abastecimento por via marítima ainda que, também, estejam representadas outras oficinas ocidentais como *Roma, Lugdunum, Trevisis*.

O estudo de cada escavação em primeiro lugar, da comparação e estudo global entre todas elas em segundo lugar, e da análise comparativa de *Bracara Augusta* com outras cidades permitirá uma visão mais ampla e mais próxima da realidade desta cidade romana”.

¹ Texto transcrito para português por Rui Morais, com base na gravação da conferência de 18 de Março de 1999.



Tesouro da *ínsula* das das Carvalheiras (Baixo Império)



Moedas hispânicas: As de Augusto em bronze (27-25 a.c.); As de Tibério em bronze (14-37 d.c.)



Denário de prata – Filha de Faustina (161-180 d.c.) (Termas)



As de bronze de Antonino Pio (Roma) (142 d.c.) (Termas)

Moeda de bronze de Adriano (oficina local) (117-138) (Termas)

Sestércio de Marco Aurélio (Roma) (171-172) (Termas)



Antoniano de Galieno (266 d.c.) (Termas)

Moeda de bronze de Constantino Tricinum (324-327 d.c.) (Sé)